Júlia Cavinato Favaretto Nº USP: 8967712

 Para a realização do estudo, entrevistei um amigo de 17 anos que cursa agora o terceiro ano do ensino médio. Nos encontramos no Jardim Botânico, um lugar silêncioso e, apesar de poeta, e gostar muito de Shakespeare, ele não conhecia o soneto XII e pareceu muito interessado enquanto lia.

 O tipo de escrita não foi um grande problema, já que muitos de seus poemas apresentam linguagem semelhante. Após uma breve discussão, ambos concordamos que o poema se tratava do inevitável passar do tempo. Quando perguntei-lhe sobre o que achou, disse “eu gostei, Shakespeare é sempre muito bom”, também mencionou a estrofe final na qual relacionou a “prole” com a juventude. Como partes favoritas, escolheu os dois primeiros versos e a estrofe final, dizendo que eram muito bonitos, e acrescentou que todo o poema era interessante.

 Quando perguntei se ele concordava com a mensagem que o soneto passava, ele disse “concordo, mas eu não sei se poemas são para serem concordados ou não. O poema é algo muito subjetivo, né? Mas aqui (quanto à esse poema), não só concordo, mas também é uma grande verdade: você não pode lutar contra o tempo. O tempo vai. O tempo acaba.” Também disse que, para ele, a “prole” seria deixar uma parte de si para o tempo, de modo que você não pereça.

 Em um momento, mencionei que o fato do poema afirmar a inevitável morte era triste e ele discordou dizendo que sua concepção de morte era diferente, explicando que “se não houvesse morte, não haveria vida, pelo menos para mim, até por causa da razão. Então é... assim... uma parte da vida, então ela precisa ser explorada também. Eu já tive algumas relações com a morte, sabe? E eu passei a encarar um pouco a morte de um jeito mais ‘poemático’ do que... problemático. É mais um poema do que um problema. É mais bonito do que trágico.”

 Para mim, pesquisar sobre o poema e fazer esse trabalho com outra pessoa foi bem diferente e interessante, uma vez que não estou acostumada a trabalhar assim. Também foi, de certa forma, divertido, por estar fazendo com um amigo e por ser um trebalho leve.